



*REP's - Revista Even. Pedagog.*

Número Regular: Educação, Diversidade e Diferença

Sinop, v. 11, n. 1 (28. ed.), p. 18-28, jan./jul. 2020

ISSN 2236-3165

<http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/index>

DOI: 10.30681/2236-3165

## MEMÓRIA E SOCIEDADE:

os excluídos em Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais<sup>1</sup>

## MEMORY AND SOCIETY:

the excluded in Poems of the Alleys from Goiás and Stories More

**Claudia Miranda da Silva Moura Franco**

**Henrique Roriz Aarestrup Alves**

## RESUMO

Afirmar o caráter engajado da poesia de Cora Coralina em relação às vozes dos marginalizados de seu tempo, é validar o caráter opositor e a heterogeneidade de seus escritos. Para fundamentar a investigação desses pressupostos, a pesquisa bibliográfica foi o meio utilizado, oferecendo aporte para contextualizar e analisar as características observadas na poesia de Cora Coralina e a investigação em artigos, conceitos teóricos, obras literárias e entrevista, evidenciando a estreita relação da obra coralineana com as teorias abordadas. A consciência político-social de Cora Coralina, justifica essa identificação com os elementos que configuram o caráter da poesia pós-moderna.

**Palavras-chave:** Literatura. Poesia Pós-moderna. Marginalizados. Cora Coralina.

## ABSTRACT

Affirm the engaged character of Cora Coralina's poetry in relation to the voices of the marginalized of his time is to validate the opposing character and

<sup>1</sup> Este artigo é parte da avaliação de conclusão da disciplina de Metodologia da Pesquisa em Letras, sob orientação da Professora Dr<sup>a</sup>. Cristinne Leus Tomé, Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Câmpus Universitário de Sinop, 2019/2.

heterogeneity of his writings. To support the investigation of these assumptions, the research bibliographic was the means used, offering input to contextualize and analyze the characteristics observed in the poetry of Cora Coralina and the research in articles, theoretical concepts, literary works and interview evidencing the close relationship of the work of the poet Cora with the theories addressed. Cora Coralina's political-social awareness justifies this identification with the elements that shape the character of postmodern poetry.

**Keywords:** Keywords: Literature. Postmodern Poetry. Marginalized. Cora Coralina.

Correspondência:

**Claudia Miranda da Silva Moura Franco.** Graduada em Letras pela UEG – Unidade Universitária Cora Coralina, mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Letras (PPG Letras), Faculdade de Educação e Linguagem (FAEL), ofertado pela UNEMAT no Câmpus Universitário de Sinop. Integrante do Grupo de Estudos e pesquisas em Literatura (GECOLIT), Integrante do Grupo de Pesquisa Outrora Agora: metaficção historiográfica na literatura brasileira contemporânea institucionalizado pelo CNPq. Sinop, Mato Grosso, Brasil. E-mail: [claudiamirandafranco6@gmail.com](mailto:claudiamirandafranco6@gmail.com)

**Henrique Roriz Aarestrup Alves.** Professor efetivo de Literaturas de Língua Portuguesa do Curso de Letras da UNEMAT - Universidade do Estado do Mato Grosso, Câmpus de Sinop; Graduado em Letras pela UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais; Mestre e Doutor pela PUC - Minas - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais; Membro do GELCOLIT - Grupo de Estudos e Pesquisas em Literatura; Coordenador do projeto de pesquisa Outrora Agora: metaficção historiográfica na literatura brasileira contemporânea; Membro do projeto de extensão Cineclubes Zumbis. Sinop, Mato Grosso, Brasil. E-mail: [henriqueroriz@unemat.br](mailto:henriqueroriz@unemat.br)

Recebido em: 30 de dezembro de 2019.

Aprovado em: 20 de maio de 2020.

Link: <http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/article/view/3769/2719>

## 1 INTRODUÇÃO

Segundo Hutcheon (1991), o múltiplo, o heterogêneo e o diferente compõem a retórica plural do pós-modernismo, que rejeita o silenciamento, e fala em nome dos afetados pela “separação compulsória e privilégios desiguais” (HUTCHEON, 1991, p. 95). Cora Coralina inicia o prefácio de seu primeiro livro **Poemas dos**

**Becos de Goiás e Estórias Mais** (2012), convidando o leitor para uma reminiscência ao afirmar que: “Alguém deve rever, escrever e assinar os autos do Passado antes que o Tempo passe tudo a raso” (2012, p. 39), como forma de convite às reflexões sobre os silenciados, aqueles que vivem à margem da sociedade.

Van Dijk (2012), ao se dedicar a um estudo analítico, observa que é necessário considerar sociedade, cognição e discurso, como ferramentas capazes de conduzir o entendimento das relações sociais e como estas, analisando seus conjuntos, representam o mundo. Para o linguista, o papel do discurso na sociedade só pode ser compreendido por meio da abordagem sociocognitiva do contexto em que está inserido (VAN DIJK, 2012, p. 163).

O pós-modernismo, como momento de reflexão, passa a apresentar um caminho para ponderações culturais, sobre gênero, sexualidade e marginalizados, afirmando a identidade nacional da poesia no Brasil. De acordo com Hutcheon (1991), o pós-modernismo é um fenômeno conflitante, “desafiador de conceitos, fundamentalmente contraditório, deliberadamente histórico e inevitavelmente político” (HUTCHEON, 2002, p. 20).

É nesse contexto histórico que se dá a materialização da obra de Cora Coralina, que inicia seus escritos ainda na adolescência, e publica seu primeiro livro de poemas em 1965. Por se tratar de escrita feminina, chama-nos a atenção o fato de Cora, embora engajada no meio literário desde sua mocidade, revela-se como poetisa somente aos 67 anos.

## **2 DIALOGANDO COM AS TEORIAS**

De acordo com Denófrio (1996, p. 34), a falta de liberdade afetou a escrita das mulheres durante séculos, “liberdade e plenitude de expressão fazem parte dessa arte”. Virgínia Woolf (2004, p. 26), ao falar da escrita feminina afirma que “é tanto herdeira como uma geradora”, porém, no que se refere à produção literária, a “maioria das mulheres não tem absolutamente caráter algum”. Os homens escreviam sobre elas, surgiam de todas as formas nos textos literários masculinos, belas, sedutoras, mesquinhas. Há inúmeras personagens femininas extremamente

elaboradas, inesquecíveis na memória do leitor, no entanto, ao lançar-se na escrita literária, Woolf (2004, p. 56) afirma que:

Uma criatura muito estranha, complexa, emerge então. Na imaginação, ela é da mais alta importância; em termos práticos, é completamente insignificante. Atravessa a poesia de uma ponta à outra; por pouco está ausente da história. Domina a vida de reis e conquistadores na ficção; na vida real, era escrava de qualquer rapazola cujos pais lhe enfiassem uma aliança no dedo. Algumas das mais inspiradas palavras, alguns dos mais profundos pensamentos saem-lhe dos lábios na literatura; na vida real, mal sabia ler e escrever e era propriedade do marido.

Cora Coralina, realizou esse caminho das pedras até chegar à publicação do seu primeiro livro de poemas. Saiu da cidade de Goiás ainda jovem, em 1911, voltando para em 1956, mais madura e segura, deixando para trás, em São Paulo onde residiu durante todo esse tempo, a família que constituiu, “a força da terra, das raízes que me chamavam eram mais fortes”, ela dizia (SALLES, 2004, p.76).

Afirmando-se como uma criatura da comunicação, e ainda sobre essa grande lacuna no tempo em relação a sua poesia, Cora simplesmente dizia “Eu não podendo publicar, também não me interessava escrever”:

Sai desta cidade em 25 de novembro de 1911 e voltei em 22 de março de 1956. Deixei filhos, nora, genros, netos e bisnetos. A força da terra, das raízes que me chamavam eram mais fortes e sobrepôs a todos esses afetos familiares. Quando eu voltei, não tinha intenção de permanecer, tinha a intenção de matar saudades velhas e carregar saudades novas (Especial Literatura, TVE, 1985). Aconteceu que, quando eu criava os filhos, muito pouco eu escrevia, quase nada. Como eu sempre fui uma criatura de comunicação, escrever para mim, prosa ou verso, é uma forma de comunicação. Eu não podendo publicar, também não me interessava escrever. E os filhos, e a vida doméstica, sempre me dominaram. (...) De modo que quando eu vim a escrever o meu primeiro livro, eu era maior de 70 e muitos anos. (SALLES, 2004, p. 76).

Retomando a afirmativa de Woolf (1985), quando Cora pode escrever seu primeiro livro já estava com mais de 70 anos, e justifica a ausência do cenário literário devido à criação dos filhos, e a vida doméstica que carecia de sua dedicação, porém quando retoma sua paixão que é a escrita, seu discurso se transforma, ela já está cansada da limitação:

Não quero mais limitação na minha vida. Fui limitada na primeira infância, fui limitada de menina, fui limitada de adolescente, fui limitada de casada e não quero ser limitada depois de velha. Hoje, não me sinto livre, me sinto

liberta. Não quero mais limitação na minha vida. Não há nada que valha para mim a minha libertação. (BOTASSI, 1984, p. 9).

Cora Coralina emerge do tempo, de forma complexa, assume o tacho de cobre, a colher de pau que são símbolos de sua própria vida. Faz doces, vende, e retira dali o seu sustento, enfrenta os olhos preconceituosos da sua cidade, que ainda traziam na memória a lembrança da “moça que fugiu com homem casado”.

Conforme afirma a Professora Mestre e Diretora do Museu de Cora, Marlene Vellasco, que nos concedeu gentilmente uma entrevista **Metamorfoses de Cora** (2019), sobre a Poetisa, respondendo questões relacionadas à presença dos excluídos com muita ênfase no primeiro livro publicado de Cora. Vellasco (2019) afirma que Cora “lê romances ao invés de se preparar para o casamento. Já se mostra fora do seu tempo, se referindo à sociedade extremamente patriarcal. Enfrenta preconceitos familiares, foge de Goiás com homem casado, 22 anos mais velho. Constitui família e oficializa o casamento em 1925” (VELLASCO, 2019).

Não há como falar da poética de Cora sem levar em conta a Crítica Sociológica de Antônio Candido (2000), em **Literatura e Sociedade**, acerca do fenômeno literário intrinsecamente ligado às questões sociais. O teórico afirma que existem camadas profundas só sendo possível observá-las por meio do traço social da obra funcionando para formar a estrutura do texto (CANDIDO, 2000, p. 7).

Algo que a própria Cora Coralina deixa explícito no prefácio de seu primeiro livro **Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais** (2012), livro que é o aporte para este artigo, que sua poesia esteja ao alcance das crianças, dos jovens, dos adultos, que as mãos operárias possam se identificar com as mãos operárias que o elaboraram, e ainda, que ele alcance a alma sertaneja, às casas das mulheres marcadas de luz vermelha, aos presidiários com apelo a regeneração, a todos Cora oferece sua fraternidade humana (CORA CORALINA, 2012).

As narrativas dos subalternos estão mais aparentes agora, pois a História, escrita sob a perspectiva dos vencedores, não permitiu o conhecimento da História dos subalternos. No entanto, essa permaneceu na memória coletiva e, a qualquer espaço forjado, floresceu. Nessa História/história desconstruíram-se as narrativas fundadoras (NIGRO, 2018, p. 63).

Sobre a presença dos excluídos, é possível afirmar que, por um bom tempo, as vozes subalternas foram silenciadas no cenário literário. Cláudia Maria Ceneviva

Nigro (2018) em seu artigo: **Um olhar sobre o Brasil hoje: Gênero e Raça na produção de escritoras brasileiras**, expõe que as primeiras produções de literatura excluíram mulheres. Eram elas apenas representadas a partir do estereótipo masculino, tratava-se de um processo social, de invisibilidade e desumanização dessa fatia da sociedade.

### **3 Metodologia**

Por meio de pesquisa bibliográfica exploratória e realizando investigações com base em dados biográficos como a entrevista aqui disponibilizada e imagens disponíveis no Museu de Cora Coralina, dialogam com a teoria utilizada para interpretar a obra, e assim construir novos significados ao arcabouço poético em **Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais**.

#### **3.1 Metamorfoses de Cora**

Entrevista com a Professora Ms. Marlene Vellasco, Mestre em Literatura Brasileira pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Professora da Unidade Universitária Cora Coralina, Universidade Estadual de Goiás (UEG). Diretora do Museu Casa de Cora Coralina, Goiás-GO.

Pergunta 1: Conte um pouco da formação escolar de Cora Coralina.

**(01) Professora Marlene Vellasco:** Ana Lins dos Guimaraes Peixoto Bretas, nasceu em 20 de agosto de 1889, foi criada entre 7 mulheres na casa Velha da Ponte. Aos cinco anos de idade muda-se para a Fazenda Paraíso, próxima da cidade de Mossâmedes - GO. Foi na fazenda que aprendeu a gostar de ler, hábito adquirido pela sua Mãe, que era uma mulher que gostava de leitura. Ainda como Ana, estudou até o terceiro livro, como era chamado na época. Teve como única professora a Mestre Silvina, que havia inclusive ensinado a geração de sua Mãe. Já começa a escrever suas primeiras crônicas no Jornal O Goyaz, ainda não contando com 14 anos de idade. Aos 14 anos cria o pseudônimo de Cora Coralina e passa desde então a se identificar como Cora Coralina (coração vermelho).

Pergunta 2: **MULHER DA VIDA, MINHA IRMÃ**, Cora procura se imanar à essas mulheres marginalizadas, a figura da prostituta aparece de uma forma muito sublime em sua poesia, na sua opinião, como se dá essa aproximação?

**(02) Professora Marlene Vellasco:** O poema **Mulher da Vida** está publicado no livro **Poemas dos Becos de Goiás**, que é um livro cuja temática maior é de dar voz aos excluídos da sociedade. No citado poema, a poetisa apresenta a imagem da mulher prostituta, abrindo através da sua escrita espaço para os marginalizados da sociedade. Cora Coralina promove a mulher prostituta, trazendo para quem está à margem da sociedade para centro da cena. Ela se coloca como 'minha irmãzinha'. Cora leva o leitor a refletir sobre o papel que essa mulher ocupa na sociedade. Ao falar da Mulher da Vida, Cora Coralina se mostra uma escritora crítica, colocando na voz da prostituta as mazelas da sociedade machista e que sempre existiu em todos os lugares e tempo, entretanto, sendo tratada de forma pejorativa e desprezível. Cora metamorfoseia essa mulher da zona, que passa a ser a 'mulher da vida', mesmo excluída, maltrata e espezinhada pela sociedade.

Figura 1 – Cora entre frequentadores do Gabinete Literário Goiano

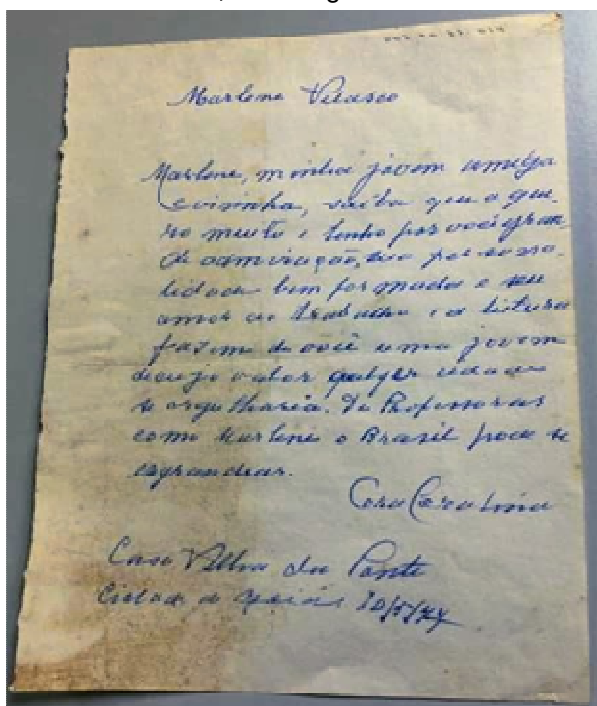


Foto do acervo do Museu Casa de Cora Coralina

Pergunta 3: Cora vivencia dois dos maiores períodos da escrita literária brasileira, tendo seu primeiro livro publicado em 1965, é possível afirmar que Cora é uma poetisa pós-moderna?

**(03) Professora Marlene Vellasco:** Sim, Cora Coralina viveu dois momentos de sua escrita, iniciou-se como contista. Após a semana de 22 torna-se poetisa, mas só publica o seu primeiro livro em 1965, já com 76 anos de idade. Ela se dizia não se enquadrar a nenhuma corrente literária. Entretanto, acredito que podemos defini-la, sim, como pós-moderna, tanto pela forma como pelo conteúdo de sua obra.

Figura 2 - Carta de Cora dedicada à jovem Marlene Vellasco, sua amiga e vizinha



Fonte: Acervo pessoal de Marlene Vellasco (1977)

Pergunta 4: Aninha, como ela se identifica, é uma MULHER FORTE, à frente de seu tempo, e que transcendeu todo o espaço em que estava inserida. Para você, a quem ela se refere com tanto carinho, como uma moça “brilhante” (o que se verifica na figura 2, acima), como se explica essa visão de mundo tão diferente das mentes provincianas da pequena Vila Boa?

**(04) Professora Marlene Vellasco:** Aninha e Cora se entrelaçam, se misturam, pois ambas são fortes. Aninha, a menina inzoneira e atrapalhada. A mais atrasada da escola da Mestra Silvina, se destaca ainda jovem, lê romances ao invés de se preparar para o casamento. Já se mostra fora do seu tempo. Enfrenta preconceitos familiares, foge de Goiás com homem casado, 22 anos mais velho. Constitui família



e oficializa o casamento em 1925. Cria o pseudônimo de Cora Coralina, ainda aos 14 anos de idade. Passa a se identificar como essa outra mulher, também forte, que nunca desistiu da luta. Sempre recomeçando na derrota. Cora Coralina é para mim exemplo de mulher destemida, corajosa, que foi além do seu tempo.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao ponderar as proposições de Linda Hutcheon (2002) e as informações cedidas na entrevista, sobre as características da Pós-modernidade, fica evidente que compreender o engajamento literário da época, é assumir o caráter desafiador, de quem se levanta de um limbo, de um silenciamento histórico e se faz ouvir pela poesia. Coralina experimentou os dissabores da sociedade patriarcal e machista em sua juventude, e enxergou de perto as problemáticas relativas à questão de gênero e preconceito, enfrentando às dificuldades femininas, tanto na sociedade, quanto na política, e também na família.

Segundo Pelegrini e Pesavento (2002, p. 10), os discursos contidos no cruzamento entre história e sociedade permitem o aprofundamento nas representações do real. Esse aprofundamento permite a literatura dizer o que não foi dito, dar voz ao silenciado e revelar as identidades sociais da época. Características que se evidenciam, por exemplo, na **Oração do Presidiário**, aqui, Cora Coralina (1985) se metamorfoseia no corpo oprimido do ser encarcerado, dando voz a este marginalizado que anseia pelo resgate da dignidade:

[...]

Fazei com que, dentro desta casa de espera e correção, eu possa ter aberto os olhos da minha inteligência para os ensinamentos que recebo, que eu possa alcançar o benefício da minha condenação cumprindo a pena que me foi imposta.

Fazei que eu sinta a Vossa Misericórdia presente me trazendo a esta reclusão que me salva de continuar no crime e me assegura a esperança da liberdade, me ajuda, me alimenta e me concede um ambiente de saúde, asseio, ordem, disciplina, aprendizado e recuperação.

Fazei, Jesus, que eu sinta a Vossa Justiça de estar aqui, embora segregado, em vez de estar num manicômio ou numa casa de inválidos, irremediavelmente condenado e sem esperança.

Abri meus olhos cegos para o que esta reclusão possa despertar em mim de vida interior e me leve à sabedoria de melhor viver dentro ou fora destas paredes.

Que eu, mesmo limitado, possa ajudar meus companheiros menos esclarecidos.

Ajudai-me, Jesus, a viver em Paz esse tempo de reclusão e alcançar suas vantagens na minha cura moral  
[...] (CORA CORALINA, 1985, p. 235).

Os discursos implícitos omitem as relações de poder, que, de acordo com Foucault (1979, p. 281-284), constituem as relações: opressor-oprimido, quem manda e quem é mandado, “para compreender o que são relações de poder talvez devêssemos investigar as formas de resistência e as tentativas de dissociar essas relações”. As relações de força e poder se estabelecem e se firmam nos constantes movimentos dos espaços sociais ao longo do tempo.

Havia na poética modernista uma apropriação da posição masculina (HUTCHEON, 2002, p. 94), a exclusão das mulheres quanto ao fazer literário, fundamentava essa misoginia. A poesia de Cora é entrelaçada por valores de várias épocas, seja ainda jovem nos seus primeiros escritos, ou na “velha da ponte” que desafia as leis do tempo, espaço e sociedade, publicando seu primeiro livro com mais de 70 anos de idade. Segundo Antonio Candido (1996), o elemento externo de uma obra literária é relevante como fator que agrega a estrutura da escrita poética em relação ao seu tempo.

## REFERÊNCIAS

BOTASSI, Miriam. Cora Coralina conta um pouco da sua história. **Mulherio**, p. 9, maio/jun. 1984. Disponível em:  
[https://www.fcc.org.br/conteudos/especiais/mulherio/arquivo/IV\\_16\\_1984menor.pdf](https://www.fcc.org.br/conteudos/especiais/mulherio/arquivo/IV_16_1984menor.pdf).  
Acesso em: 11 nov. 2019.

CANDIDO, Antonio. **O estudo analítico do poema**. São Paulo: Humanitas Publicações, 1996.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. São Paulo: Pubifolha, 2000.

CORALINA, Cora. **Poemas dos becos de Goiás e estórias mais**. São Paulo: Global Editora, 1985.

CURADO, Maria. Eugenia. Aspectos irônicos na prosa coralineana. *In*: BRITO. Clóvis Carvalho; CURADO, Maria. Eugenia; VELLASCO, Marlene. **Moinho do tempo**: estudos sobre Cora Coralina. Goiânia: Ed. Kelps, 2009.

DENÓFRIO, Darcy França. **Hidrografia Lírica de Goiás I**. Goiânia: Editora da UFG, 1996.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

HUTCHEON, Linda. **Poética do Pós-modernismo**. Rio de Janeiro: Imago, 2002.

NIGRO, Cláudia Maria Geneviva. Um olhar sobre o Brasil hoje: gênero e raça na produção de escritoras brasileiras. Dossiê: “Incrocí: Italia e Brasile in dialogo” – Cruzamentos: Itália e Brasil em diálogo. **Revista de Letras Norteamericanas**, Sinop, v. 11, n. 25, p. 62-73, jun., 2018. Disponível em:

<http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/norteamericanas/article/view/3253>.

Acesso em: 11 nov. 2019.

PELEGRINI, Sandra de Cassia; PESAVENTO, Sandra Jatahy. **O imaginário da cidade**: visões literárias do urbano. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.

SALLES, Mariana de Almeida. **Cora Coralina**: uma análise biográfica. Monografia (Graduação em Antropologia) – Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Brasília, 2004.

VAN DIJK, T. A. **Discurso e contexto**: uma abordagem sociocognitiva. Trad. Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2012.

VELLASCO, Marlene. **Metamorfoses de Cora**. Entrevista concedida a Cláudia Miranda S. M. Franco. Sinop, out. 2019. Via E-mail.

WOOLF, Virgínia. **Um teto todo seu**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.